



Lutar e vencer por Abril!

“Tempos Tormentosos” é o título de um grande romance de Alexei Tolstói que tem estado presente na minha mente logo após os resultados eleitorais do dia 18 de Maio. Tempos tormentosos é o que estamos a viver e o que vamos ainda viver. A direita ganhou. A extrema-direita cresceu.

Neste momento, não temos ainda estudos dos resultados, mas é fundamental analisar concelho a concelho, terra a terra, para compreender melhor as razões que levaram a esta situação. Do que se sabe, começa a ser claro que as pessoas votaram Chega na esperança de melhorar a sua situação, revoltados com os partidos que não lhes resolveram os problemas que se deparam nas suas vidas. Foi o caso da maioria absoluta do PS, durante a qual prosseguiu a degradação do SNS e o agravamento dos problemas da educação e da habitação, um dos mais sentidos pela população.

Deste modo, o descontentamento pela degradação da situação tem levado a culpar-se a democracia como sistema político, criando-se assim um ambiente favorável às forças de extrema-direita que se dizem contra o sistema.

O PS é ultrapassado pelo Chega, o Bloco de Esquerda perde quatro deputados e a CDU perde um, apesar de ter lutado sempre por aumentos de salários, de pensões e pelos problemas reais que afetam as pessoas.

Os votos da CDU são votos de resistência, disse o secretário-geral do PCP na noite das eleições. E resistir será o apelo

que se deve fazer a todos os democratas para defender o que conquistámos: a liberdade, os nossos direitos, a Constituição da República Portuguesa, onde estão inscritos os valores de Abril.

A luta vai ser necessária e vai ser dura. Não nos devemos admirar. Como dizia Aurélio Santos numa das suas intervenções: «Só uma grave ou leviana incompreensão da História pode levar à convicção de que a derrota do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial pôs em definitivo o mundo ao abrigo de regimes autoritários ou ditatoriais que o fascismo quis impor ao mundo na sua versão do Século XX.»

Os tempos tormentosos estendem-se também ao resto do Mundo. Na Europa, assistimos a uma guerra, que já poderia ter acabado há muito, se em vez do envio de armas, houvesse vontade política nos esforços diplomáticos.

Nos Estados Unidos da América, um novo presidente foi eleito. Alteram-se leis, consoante a sua vontade, prende-se, expulsam-se imigrantes sem motivo, muitos deles radicado há anos no país. Na União Europeia, subjugada aos interesses do grande capital e obcecada pela segurança, os Estados membros preparam-se para gastar milhões em armamento, em vez de os despender na melhoria de vida dos povos.

Noutros continentes, o panorama é idêntico. Continuam os bombardeamentos no Líbano, na Cisjordânia, na Faixa de Gaza

por uma força que ninguém toca: Israel. Israel que mata crianças à fome na Palestina, onde todos os dias se sucedem bombardeamentos que dizimam palestinianos e transformaram aquele território num monte de escombros, onde nem os hospitais são poupados. Tudo isto acontece com os governos do Mundo a assistir, impávidos, ao genocídio de um povo.

Enquanto escrevo, os governos de França e do Reino Unido – cautelosos, mas tarde, muito tarde – vão começando a pôr em causa a política de Israel. Também figuras de grande importância a nível mundial têm vindo a público denunciar o crime que se passa na Faixa de Gaza. Este século poderá ficar na História como o século da vergonha.

Os povos do mundo inteiro não têm faltado à solidariedade para com a Palestina. Sucodem-se manifestações nas quais se exige que os governos reconheçam o Estado da Palestina. Alguns países começaram timidamente a fazê-lo, enquanto o governo português, para vergonha de todos, continua à espera da posição da UE.

É outra luta que continuaremos a travar. E a URAP estará sempre presente na luta pela Paz, pela melhoria de vida do nosso povo, pela democracia e pela liberdade.

É verdade que a reacção tem muita força, mas nós temos o que eles não têm. Temos convicções e ideais emancipadores, temos uma longa experiência de luta que a História demonstra. Nós temos Abril!

Marília Villaverde Cabral

25 Abril encheu as ruas do País

A URAP participou ativamente nas comemorações do 25 de Abril em todo o País, marcadas por uma grande participação popular - Págs. 6 a 9

Determinação e combatividade na Assembleia Geral da URAP - Pág. 10

Jovens da URAP participam em encontro internacional em Buchenwald - Pág. 13



URAP celebra no Porto aniversário da Constituição e conversa com mulheres de Amarante

Um conjunto de organizações, entre as quais a URAP, concentrou-se, dia 2 de Abril, na Praça dos Leões, no Porto, para comemorar os 49 anos da Constituição da República Portuguesa (CRP), evocando, na rua, os principais artigos da lei fundamental, com especial ênfase para a proibição de organizações que perfilhem a ideologia fascista.

Dantas Ferreira leu o texto da URAP que cita o n.º 4 do artigo 46.º da CRP, que determina que «as organizações que perfilhem a ideologia fascista e como

tal sejam declaradas por decisão judicial serão no mesmo acto declaradas extintas e, conseqüentemente, impedidas do exercício de toda e qualquer actividade, por si ou através da iniciativa de qualquer dos seus membros».

Rui Pereira, professor universitário e jornalista, contextualizou o período histórico em que a Constituição foi escrita e aprovada, os avanços e recuos (nas sucessivas revisões), o que continua a diferenciar umas e outras forças políticas quanto à exigência da sua defesa e cumprimento.



A concentração foi ainda animada com actuações musicais, representações, poemas, cartazes e faixas, para além da leitura dos artigos da CRP.

«À Conversa com Maria José Ribeiro»

No dia 3 de Maio, o Núcleo Feminista de Amarante promoveu na Casa da Juventude de Amarante uma sessão para a qual convidou Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional da URAP e ex-presa política por três vezes, para falar sobre a luta das mulheres durante o fascismo.

Integrada nas comemorações do 51.º aniversário do 25 de Abril de Amarante, a sessão denominada «À Conversa com Maria José Ribeiro» teve a participação de cerca de 30 pessoas, maioritariamente jovens e mulheres.

Nascida em Lisboa, em 1936, Maria José Ribeiro integrou, em 1958, a comissão de jovens que apoiavam a candidatura do General Humberto Delgado a Presidente da República Portuguesa, sendo presa pela PIDE pela primeira vez durante nove meses e sujeita a tortura psicológica.

Maria José Ribeiro foi presa pela segunda vez pela PIDE e espancada a 8 de Março de 1962, no Porto, quando liderava a única acção de protesto que ocorreu no Dia da Mulher durante a ditadura portuguesa.

Voltará a ser presa dois anos mais tarde, como medida de precaução, no dia anterior à celebração da Revolta Republicana, que em 31 de Janeiro de 1891 tentou derrubar a monarquia. Fica presa 15 dias.

Fundadora, em 1968, do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), após o 25 de Abril de 1974 torna-se na primeira mulher a ocupar o cargo de presidente no Sindicato Nacional de Profissionais de Seguros, foi depois eleita pelo PCP como vereadora na Câmara Municipal de Matosinhos e deputada da Assembleia da República, na terceira legislatura.

Em 2005, foi uma das mulheres homenageadas pela Câmara Municipal de Matosinhos, no Dia das Mulheres. Foi ainda distinguida pela Câmara Municipal do Porto com a Medalha Municipal de Mérito – Grau Ouro.



No Barreiro evocou-se o 3 de Maio de 1970

O núcleo da URAP do Barreiro e a Cooperativa Cultural Popular Barreirense organizaram, dia 3 de Maio, uma sessão comemorativa da jornada de luta antifascista de 3 de Maio de 1970, quando a população do Barreiro levou a cabo uma manifestação em protesto pela prisão de oito democratas no distrito de Setúbal.

Na ocasião, as mais de 5000 pessoas presentes, entre as quais muitos jovens, exigiam a libertação dos presos políticos feitos pela PIDE nessa madrugada por terem participado numa manifestação comemorativa do 1.º de Maio.

A GNR reprimiu brutalmente os manifestantes com a cavalaria e à espadeirada. A população defendeu-se com o arremesso de pedras. No rescaldo desta batalha campal a GNR fez 20 prisões, tendo entregado os presos à PIDE.

Na sessão, com a presença de 40 pessoas, prestaram testemunho Carlos Humberto e Júlio Dias, participantes do 3 de Maio de 1970, e interveio igualmente Rafael Plowden, presidente da Cooperativa Cultural Popular Barreirense.

URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •
TELEFONE 213 576 083
DEPOSITO LEGAL: 357338/18

Livro «Cadeia de Caxias – A repressão fascista e a luta pela liberdade» apresentado pelo país

O livro «Cadeia de Caxias, a repressão fascista e a luta pela liberdade», que tem uma introdução da autoria de Levy Baptista, advogado antifascista e ex-presidente da Mesa da Assembleia Geral da URAP, está a motivar a realização de diversas iniciativas de lançamento e debate.

Em **Grândola**, dia 5 de Abril, o livro foi apresentado nas instalações da Biblioteca e do Arquivo Municipal de Grândola, por Álvaro Pato, ex-preso político e do Conselho Fiscal da URAP, David Geraldês, ex-tenente fuzileiro especial que integrou o Comando da 3.^a companhia, que libertou os presos políticos de Caxias e é membro do Conselho Nacional da URAP, e Edgar Costa, do Conselho Directivo da URAP. A sessão foi organizada pelo Núcleo da URAP do Litoral Alentejano, com o apoio do Município de Grândola, contou no Momento Cultural com o Grupo Coral Vila Morena.

Na **Baixa da Banheira**, dia 11 de Abril, numa sessão conjunta da URAP

com a Biblioteca na Biblioteca Municipal da Baixa da Banheira, interveio Joaquim Judas, vice-presidente da Assembleia Geral da URAP.

Em **Mem Martins**, dia 12 de Abril, no Salão dos Bombeiros de Algueirão - Mem Martins, José Pedro Soares, coordenador da URAP e ex-preso político, apresentou o livro. O momento cultural esteve a cargo do Coro Lopes Graça.

Em **Santa Iria da Azoia**, dia 16 de Março, na Sociedade 1 de Agosto, estiveram José Pedro Soares, coordenador da URAP, Diamantino Torres, do Conselho Nacional, o ex-preso político Luís Pais Figueiredo, e Bruno Lourenço, da direcção da colectividade.



Em **Peniche**, dia 25 Março, na Sala Berenga da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar. Foram oradores Álvaro Pato, ex-preso político e do Conselho Fiscal da URAP, e David Geraldês, militar de Abril. O Momento cultural contou com João Leitão, músico, compositor e intérprete, ligado a guitarra clássica.

Para dia 13 de Junho, já após o fecho desta edição, estava marcada uma sessão no Café Concerto de **Portalegre**, com Edgar Costa.



Dezenas de membros da Associação Desportiva e Recreativa (ADR) “O Relâmpago”, de Vale de Mestre, deslocaram-se, em colaboração com a URAP, ao Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche, no dia 15 de Março, numa visita guiada por João Neves, José Monteiro e Eugénio Ruivo, membros da URAP. Em seguida, promoveram uma corrida pelas ruas da vila



José Pedro Soares, coordenador da URAP, participou no dia 25 de Maio num encontro de jovens trabalhadores portugueses em Berlim, Alemanha, evocativo da Revolução de Abril

Homenagem a Mário Araújo



Um grupo de amigos de Almada organizou, dia 4 de Maio, na Academia Almadense, uma homenagem pública ao associativista e resistente antifascista Mário Araújo.

Com a presença de cerca de 500 pessoas, a homenagem celebrou a vida e a importância de Mário de Araújo na história local e sua dedicação à resistência política durante os anos difíceis da ditadura em Portugal.

O evento incluiu intervenções que destacaram as suas actividades e impacto em comunidades locais, música, poesia e expressão teatral.

Mário Araújo agradeceu «a festa tão bonita», em qualidade e conteúdo, prestando homenagem aos valores de Almada, ao associativismo, aos músicos, aos oradores. Condenou o retrocesso a que assistimos em Portugal e no mundo e, referindo-se a Gaza, apelou a que se «combatam os homens que destroem de um momento para outras vidas e cidades inteiras».

Houve intervenções de representantes da Academia Almadense, do PCP, da União das Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas e do Parque de Campismo Piedense/ SFUAP.

Mário de Araújo nasceu na Cova da Piedade, Almada, em 1935, e desde jovem esteve envolvido em actividades políticas. É membro do PCP. Foi preso e torturado pela PIDE. Foi membro do Conselho Directivo da URAP e é actualmente membro do seu Conselho Nacional.

Os antifascistas falecidos que aqui evocamos tiveram percursos destacados na resistência ao fascismo e na construção da democracia. As suas vidas iluminam a luta que continua pela liberdade e os direitos

Hélder Madeira

O antifascista Hélder Madeira, membro do Conselho Nacional da URAP, primeiro presidente da Câmara Municipal do Barreiro (1977), com maioria absoluta, permanecendo neste cargo durante quatro mandatos, morreu a 24 de Abril, aos 86 anos.

Nascido no Barreiro, a 4 de Julho de 1939, no seio de uma família ligada ao operariado, iniciou-se no mundo do trabalho aos 18 anos, na CUF. Foi membro da Direcção do Cine Clube do Barreiro e da SIRB «Os Penicheiros», a par de uma breve participação no Teatro de Bolso do Barreiro, como maquinista de cena. Participou em 1968/69 nas eleições realizadas nesse ano, em que a oposição concorreu com as CDE (Comissões Democráticas Eleitorais). Foi como membro da CDE que participou na elaboração das Teses do Movimento Democrático do Distrito de Setúbal, apresentadas no III Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro, em Abril de 73. Era militante do PCP desde 1972.

Após o 25 de Abril de 1974, integrou a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, foi Governador Civil do Distrito de Setúbal, entre 1975 e 1976, e nas primeiras eleições autárquicas, Hélder Madeira foi eleito presidente de Câmara Municipal do Barreiro (1977). Em 2005 regressou à Presidência da Assembleia Municipal (por mais quatro anos). Foi o primeiro presidente da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, e o primeiro presidente da Assembleia Metropolitana de Lisboa.

Representou a Associação de Municípios de Setúbal no Conselho Consultivo da UNL - Pólo da Caparica, e a Associação Nacional de Municípios Portugueses no Conselho Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo. Pertenceu ao CPPC e à URAP, integrando actualmente o Conselho Nacional. Em 2010, na sessão comemorativa do 26.º aniversário da elevação da vila do Barreiro a cidade, foi distinguido com a Medalha de Honra da Câmara Municipal do Barreiro.



Daniel Cabrita

Daniel Cabrita, membro da URAP desde a sua origem, organizado no núcleo do Barreiro, ex-presos político, fundador da Intersindical e militante do PCP, morreu dia 11 de Março no Hospital do Barreiro, aos 86 anos.

Nascido a 14 de Junho de 1938, no Barreiro, onde cresceu e sempre viveu, aderiu ao PCP no início da década de 60, ao mesmo tempo que iniciou a sua actividade sindical como bancário.

Como dirigente sindical, desde finais da década de 60, após a conquista das direcções dos Sindicatos Nacionais (corporativos e afectos ao regime) aos fascistas, é eleito pelos trabalhadores como presidente da Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, em 12 de Março de 1968. Foi preso em Maio de 1969 sendo libertado pouco tempo depois.

Em Outubro de 1970, Daniel Cabrita fez parte da fundação da Intersindical Nacional, foi reeleito para a direcção no cargo de 1.º secretário, em Março de 1971, mas em 30 de Junho de 1971 foi preso de novo pela PIDE-DGS durante as férias, em Sesimbra, e acusado de pertencer ao Partido Comunista. Julgado em Tribunal Plenário e condenado a dois anos de prisão e medidas de segurança. Submetido a 22 dias de torturas, como a tortura do sono e estátua, esteve ainda 76 dias em isolamento, e foi vítima de maus-tratos que lhe provocaram alucinações.

A sua prisão desencadeou uma enorme onda de protestos e solidariedade, não só a nível nacional, como internacional. A nível internacional estiveram no seu julgamento no Tribunal Plenário de Lisboa, observadores das três principais centrais sindicais mundiais, a Confederação Mundial do Trabalho, a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres e a CGT francesa.

Depois do 25 de Abril, integrou os gabinetes dos ministros do Trabalho dos primeiros Governos Provisórios, foi candidato às eleições para a Assembleia Constituinte pelo MDP (1975) e às legislativas de 1980, em representação do PCP, ambas pelo Círculo de Setúbal.

Regressou à Intersindical em 1976 e apoiou a direcção na organização do Congresso de Todos os Sindicatos. Integrou a Comissão de Honra do 4.º Congresso da CGTP-IN. Manteve-se na Intersindical até 2008, como adjunto do secretário-geral e no Gabinete de Estudos da Intersindical.

Foi membro da Assembleia Municipal do Barreiro, eleito pelo PCP/CDU, durante diversos mandatos. Foi dirigente do Cine Clube do Barreiro de 1963 a 1965. Em 2014, por ocasião das comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, a Câmara Municipal do Barreiro homenageou Daniel Cabrita juntamente com sete outros resistentes antifascistas do Barreiro.



Nesta rubrica do nosso Boletim, damos voz aos núcleos, a quem se deve muita da intensa actividade realizada um pouco por todo o País, visando partilhar experiências para reforçar a capacidade de acção da URAP

Évora

O núcleo da URAP de Évora esteve presente em várias escolas do distrito e desenvolveu uma actividade no Departamento de História da Universidade de Évora (UÉ). Contudo, conta ainda com muito pouca adesão dos estudantes da UÉ e do secundário.

Deste modo, este é um dos principais objectivos do núcleo neste momento e, para tal, necessita de melhorar a comunicação, tornando-a mais eficaz, mais apelativa, mais atraente e que chegue à juventude e a pessoas fora do nosso núcleo de pensamento.

Embora a URAP tenha sócios no distrito de Évora desde a sua fundação (1976), que pagam quotas e participam em diversas homenagens aos ex-presos políticos do distrito, a sua actividade reforçou-se, em trabalho e em número de sócios, a partir da reivindicação da criação do Museu da Resistência e Liberdade, em Peniche.

Em 2014, o núcleo levou a cabo duas iniciativas no âmbito das comemorações dos 40 e 45 anos do 25 de Abril, respectivamente.



De 2023 até 2025 desenvolveu-se mais trabalho, que resultou na exposição da URAP em Évora, em 2024, e no percurso antifascista pela cidade (ainda em construção), em 2025. No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril inscreveram-se mais sócios e temos conseguido aos poucos divulgar a URAP, contando até hoje com o apoio da Câmara Municipal..

A principal dificuldade que temos sentido tem a ver com a comunicação. Já

identificamos o ponto fraco da comunicação aos sócios e estamos a tentar melhorar, tornando-a mais regular e oficial. Contudo, tem sido ainda mais difícil e tem havido mesmo um estrangulamento na comunicação fora do corpo de associados, sobretudo com os mais jovens, que têm agora uma nova forma de comunicar.

Desde 2022, que o núcleo de trabalho reúne regularmente com 5/6 sócios, que compõem o núcleo da URAP de Évora.

Marinha Grande

No Concelho da Marinha Grande, o núcleo da URAP tem tido dificuldades em manter atividade, reforçar o núcleo, e até reunir com regularidade.

Esta circunstância prende-se sobretudo com a idade avançada da maioria dos sócios, que por vezes entendem que já não têm capacidade para continuar a dinamização do núcleo. Por outro lado, a sobrecarga de alguns elementos na sua vida particular e até coletiva impede que se consiga organizar e estimular a atividade da URAP no nosso núcleo.

Apesar disso, sentimos que há espaço para avançar e que, na Marinha Grande e em Leiria, existe um interesse entre os mais jovens em defender os valores de Abril, campo fértil para o alargamento da URAP. Há já há alguns traços positivos como a entrada de três jovens, da Marinha Grande, que poderão trazer ao núcleo maior dinâmica e sobretudo mais braços para trabalhar.



Estamos a tentar regularizar o pagamento de cotas bem como o preenchimento do mapa com os dados pessoais dos sócios da URAP para enviar para o ficheiro nacional. Para isso estamos a trabalhar em conjunto com o companheiro responsável no Conselho Diretivo. O núcleo vai reunir brevemente para definir algumas linhas

de trabalho e organizar, se houver forças, iniciativas.

Entre as iniciativas a concretizar brevemente, prevê-se uma excursão ao Forte de Peniche, com camaradas e amigos de Leiria e com a organização de um almoço.

Milhares, muitos milhares, encheramas ruas do País para comemorar Abril

Respondendo ao apelo das diversas comissões promotoras das comemorações populares do 25 de Abril, às chamadas dos partidos e organizações democráticas por todo o País, entre as quais a URAP, ou espontaneamente, foram muitas, muitas, muitas as pessoas, sobretudo jovens, que saíram à rua para comemorar os 51 anos do 25 de Abril e os 50 anos das primeiras eleições livres para a Assembleia Constituinte. Após 48 anos de ditadura, graças ao MFA e à luta do povo, em Portugal instituiu-se um regime democrático e terminaram as guerras coloniais.



Lisboa

Em **Lisboa**, muitos milhares de pessoas desceram a Avenida da Liberdade até ao Rossio, onde vários oradores enalteceram o 25 de Abril e apelaram à luta, chamando a atenção para os retrocessos que a democracia e a liberdade registam em Portugal e no mundo. A URAP exibiu panos próprios e muitas bandeiras, enquanto entoava palavras de ordem apelando à paz.

No **Porto**, membros da URAP e populares concentraram-se junto à antiga sede da PIDE no Porto, na Rua do Heroísmo, integrando em seguida o desfile do 51.º aniversário da Revolução dos Cravos na Avenida dos Aliados. Na manhã do dia 25, dois grupos de jovens fizeram uma visita guiada por Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional da URAP, e Domingos Oliveira, do núcleo do Porto, ao espaço que foi o percurso dos presos políticos na delegação da ex-PIDE.

Em **Aveiro**, o Núcleo da URAP juntou-se à manifestação organizada pela Comissão Promotora das Comemorações Populares do 25 de Abril, que percorreu as principais ruas da cidade, ostentando uma faixa própria, na qual se lia: «25 de Abril sempre! Fascismo nunca mais!»

Na noite de 24 Abril, organizou um jantar comemorativo num restaurante da cidade, a que chamou «Anos da Revolução do Cravos», com a presença



Porto



Aveiro

de 140 pessoas, e a intervenção de Aníbal Guerra.

Em **Almada**, a concentração foi na Praça do MFA, seguindo-se um desfile para a Praça São João Batista.

Na **Figueira da Foz**, a URAP organizou um jantar, dia 24 de Abril de 2025, na sala do velho café NAU (um espaço mítico na Figueira da Foz, repleto de histórias e de memórias), no qual participaram algumas dezenas de democratas figueirenses para comemorar os 51 anos de Abril.

Intervieram a jovem Frederica Jordão, Nazaré Teixeira Melo e Silvina Queiroz. «O encontro proporcionado pelo convívio democrático é sempre festa e um sinal de que os valores de Abril estão vivos, de pé e para durar», disse a primeira oradora.

Na **Moita**, onde o núcleo da URAP integrou a Comissão Promotora das Comemorações do 51.º aniversário do 25 de Abril, organizou-se um jantar no Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, onde participaram mais de 100 pessoas.

Durante o jantar, Cristina Ribeiro, do Conselho Nacional e do núcleo da URAP da Moita, e o militar de Abril José Brinquete, membro da Associação Conquistas da Revolução, fizeram intervenções sobre o significado do 25 de Abril e a política nacional. No final, houve um momento cultural a cargo do grupo Cancioneiro Clandestino.

Em **Vila Nova de Foz Coa**, uma exposição da URAP sobre os 50 anos do 25 de Abril esteve patente na Galeria de Artes do Centro Cultural, de 17 de Abril a 4 de Maio, data em que foi visitada por um grupo de 20 amigos da URAP e contou com a presença da vereadora da Câmara Municipal Ana Maria Proença Filipe. António Vilarigues, do Conselho Directivo, representou a URAP, fornecendo explicações sobre os conteúdos de cada um dos painéis da exposição na perspectiva do que era o fascismo, o que foi a Revolução, o que se conquistou e onde estamos em 2025.



Figueira da Foz



Moita



Vila Nova de Foz Coa

URAP promove homenagem ao capitão Diamantino Gertrudes da Silva

A URAP organizou, dia 27 de Abril, no Alvite, uma homenagem em memória do capitão de Abril Diamantino Gertrudes da Silva junto ao monumento em sua honra, com a presença do dirigente da URAP António Vilarigues, do presidente da Assembleia Municipal, João Benedito de Deus Xavier, do presidente da Junta de Freguesia de Alvite, Hugo Alexandre Ribeiro da Silva, de dois eleitos da AM em representação do Município de Moimenta da Beira e dezenas de pessoas da freguesia.

Após a deposição de uma palma de flores junto ao monumento, António Vilarigues, do Conselho Directivo da URAP, tomou a palavra para recordar que Diamantino Gertrudes da Silva, que nasceu na freguesia de Alvite em 1943 e morreu em 2018, distinguiu-se pela sua participação no golpe militar do 25 de Abril. Na madrugada de 24 de Abril de 1974 partiu do RI-14 em Viseu, comandando o grupo November (grupo insurreccional da Região Militar do Centro) com mais de 2.000 homens do



RI 14 de Viseu (unidade onde estava), RI 10 de Aveiro e duas unidades militares da Figueira da Foz, com a missão de salvaguardar as vidas dos presos políticos no Forte de Peniche e promover a sua libertação, antes de marchar sobre Lisboa.

Dirigentes do MFA, como Carlos Matos Gomes, Vasco Lourenço e Martins Guerreiro, prestaram homenagem a

Diamantino Gertrudes da Silva quando da sua morte.

Hugo Alexandre Ribeiro da Silva, presidente da Junta de Freguesia de Alvite, abordou a personalidade do capitão Diamantino Gertrudes da Silva e a necessidade de repetir esta homenagem como forma da história recente de Portugal não cair no esquecimento.

Memorial aos Resistentes Antifascistas do Concelho de Palmela

A Câmara Municipal de Palmela, em parceria com a Escola Secundária de Palmela e a União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP) inauguraram, dia 24 de Abril, o Memorial aos Resistentes Antifascistas do Concelho de Palmela, uma obra do escultor Pedro Botelho.

O Memorial, situado na Estrada dos Restauradores do Concelho de Palmela, junto à Fonte do Carvacho, local onde eram realizadas pinturas contra a guerra colonial, evoca 85 pessoas presas pela PIDE e contém uma Cápsula do Tempo elaborada pelos alunos da Escola Secundária de Palmela - cujo conteúdo integra testemunhos, um texto da Escola, uma declaração da URAP e uma mensagem do Município - que será aberta daqui a 50 anos.

Na cerimónia, na qual participaram munícipes, autarcas, alunos, professores, resistentes antifascistas e seus familiares, entre outras individualidades convidadas, usaram da palavra Joaquim Judas, vice-presidente da Assembleia Geral da URAP, Álvaro Balseiro Amaro, presidente da Câmara Municipal de Palmela, a professora Conceição Catela e a aluna Bruna Samarra, em representação da Escola Secundária de Palmela, e António Correia, ex-presos políticos de Palmela.



URAP assinala libertação dos presos políticos

A URAP assinalou, dia 27 de Abril, a libertação dos presos políticos.

Em Caxias, a cerimónia ocorreu junto ao Monumento aos Libertados e Libertadores, na qual intervieram Vítor Agostinho, do Conselho Nacional da URAP e ex-presos políticos, o Comandante Costa Correia, militar que esteve na origem e coordenação da deslocação dos fuzileiros ao Forte, e Gaspar Matos, director do Departamento de Artes, Cultura, Turismo e Património Histórico da Câmara Municipal de Oeiras.

Meio século depois da Revolução do 25 de Abril, importa lembrar que, de 1936 a 1974, passaram pela Cadeia de Caxias mais de 10 mil presos políticos, vítimas dos 48 anos de ditadura fascista de Salazar e Caetano.

«A libertação dos presos políticos do fascismo, realizada há 51 anos, faz parte do largo conjunto de conquistas históricas da Revolução de Abril, pois como sempre foi afirmado, não podia haver liberdade e democracia mantendo encarcerados, os homens e mulheres, que mais se sacrificaram e lutaram para pôr fim ao regime opressor», disse Vítor Agostinho.

No mesmo dia, a URAP promoveu uma sessão de evocação dos 51 anos da libertação dos presos políticos da antiga



cadeia de Peniche, onde foram oradores José Pedro Soares, coordenador da URAP, Edgar Costa, do Conselho Directivo, e Aida Rechena, directora do Museu Nacional da Resistência e Liberdade (MNRL) de Peniche.

José Pedro Soares, também ele ex-presos políticos em Peniche, evocou os mais de 2 500 presos que passaram pelo forte, mas que sabiam que «não estavam sós». Apresentou a sexta edição do livro Forte de Peniche, Memória, Resistência e Luta, lançado em 2019, que tem vindo a ser actualizado. A presente edição conta com as intervenções proferidas

na inauguração do Museu Nacional Resistência e Liberdade no antigo forte, a 27 de Abril de 2024.

Aida Rechena, directora do Museu Nacional da Resistência e Liberdade de Peniche, fez a intervenção final, informou que desde que o museu abriu, há um ano, já foi visitado por cerca de 150 mil pessoas, um caso único da democracia portuguesa.

A sessão terminou com um Momento Cultural, no qual actuou o grupo «Os Amigos de Abril», com canções da resistência e poemas, e ainda o cantor Rúben Martins.

URAP nas manifestações do 1.º de Maio

A URAP esteve presente nas manifestações do Dia do Trabalhador em Lisboa e no Porto e em outras localidades, promovidas pela CGTP-IN, com muitos sócios e amigos que levaram panos e bandeiras. Em Lisboa, a URAP teve uma banca na Alameda D. Afonso Henriques, onde vendeu livros editados pela organização. Todos os anos a URAP diz presente e junta-se aos sindicatos da CGTP, recordando sempre o 1º de Maio de 1974, quando o povo saiu à rua uma semana após a Revolução de Abril, que instituiu o Dia do Trabalhador como feriado, 88 anos depois (1886) de, em Chicago, EUA, mais de 500 mil trabalhadores terem participado numa manifestação pacífica, apesar de fortemente reprimida, exigindo a redução da jornada de trabalho para oito horas.



Assembleia Geral da URAP na Casa do Alentejo, em Lisboa



Numa sala lotada de associados, reuniu-se, dia 22 de Março, a Assembleia Geral (AG) da URAP na Casa do Alentejo, em Lisboa, para eleger os novos corpos sociais para o biênio 2025-27, discutir e aprovar o Relatório das Contas, o Balanço da Actividade e o Plano de Actividades, numa sessão presidida por Levy Baptista, presidente da AG.

Esta Assembleia Geral, a mais participada das últimas décadas, duplicando mesmo a de 2024, teve a presença de 194 sócios da URAP, oriundos de 37 concelhos, numa demonstração de vitalidade da organização e da actualidade da luta antifascista. Na mesa encontravam-se o presidente Levy Batista, que presidiu, a vice-presidente, Marília Villaverde Cabral, Eulália Miranda, Celestina Leão e Ana Páscoa.

A AG foi aberta pelo coordenador, José Pedro Soares, que abordou a actividade da URAP e a situação política nacional e internacional.

Carlos Mateus, do Conselho Directivo, procedeu à leitura do Balanço da Actividade de 2024 e do primeiro trimestre de 2025. Depois de sublinhar que a URAP conta agora com mais 150 associados, destacou o trabalho efectuado pela organização nas escolas de todo o país, na apresentação dos livros que edita, na construção de memoriais, na organização de ciclos de cinema, em viagens que organizou, na edição do Boletim e nas redes sociais, nomeadamente.

César Roussado, do Conselho Directivo, apresentou o Plano de Actividades para 2025. Referiu algumas datas redondas que decorrerão em 2026, como os 50 anos da URAP (30 de Abril) e os 80 anos do Campo de Concentração do Tarrafal. Entre outras tarefas para 2025, destacou o IV Encontro da Paz, do qual a URAP é uma das organizações promotoras, a resposta ao pedido para a desloca-

ção de antifascistas às escolas, a regularização das quotizações e a continuação da campanha para aquisição de uma sede.

Intervieram muitos associados de vários núcleos do país, numa reunião que se revelou curta para tanta participação.

O Relatório das Contas foi aprovado e votado por unanimidade e um voto de louvor. Matilde Lima apresentou uma moção sobre a Paz que foi votada igualmente por unanimidade.

José Pedro Soares apresentou a futura composição dos órgãos, depois votada por 180 votos a favor e um voto em branco.

Levy Batista, o sócio número 3, que deixou a presidência da AG, lembrou os sócios 1 e 2 da URAP, respectivamente Ruy Luís Gomes e Fernando Piteira Santos, e congratulou-se com a participação maciça na assembleia face ao tempo que o país e o mundo atravessam neste momento.

A Assembleia Geral terminou em festa com actuação do grupo coral alentejano de Mombeja.

Os documentos aprovados podem ser consultados em urap.pt

A URAP e as escolas passar o testemunho às novas gerações

Dirigentes da URAP, ex-presos políticos, antifascistas e democratas mobilizam-se todo o ano para levar às escolas do país a sua vivência durante o fascismo e a sua participação na construção da democracia. Os jovens estudantes, acompanhados por professores, mostram-se muito interessados, questionam, aplaudem. Acompanhados amiúde por exposições montadas pela URAP, o convívio termina, muitas vezes, a dizer poesia ou a cantar músicas da resistência, e com a promessa de lá voltar. Referimos, de seguida, algumas delas.





Cantanhede

Por iniciativa de estudantes da Escola Secundária de **Cascais**, o coordenador da URAP, José Pedro Soares, esteve presente, a dia 27 de Maio, num encontro no auditório da escola com dezenas de alunos e alguns professores.

Em **Pinhel**, dia 30 de Abril, o Departamento de Ciências Sociais e Humanas do Agrupamento de Escolas de Pinhel, convidou Clemente Alves, do Conselho Nacional da URAP, ex-preso político e ex-vereador da Câmara Municipal de Cascais. Organizada no âmbito da comemoração dos 50 Anos do 25 de Abril, contou com a participação de cerca de 200 alunos do 9.º ano e dos alunos dos Cursos Profissionais e de Artes Visuais e Humanidades do ensino secundário.

Em Febres, **Cantanhede**, dia 24 de Abril, Clemente Alves deslocou-se à Escola Básica Carlos Oliveira para participar numa conferência destinada a três turmas de 9.º ano e duas turmas de 8.º, num total de 70 alunos e cinco professores. A sessão foi partilhada com a Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA).

Maria José Ribeiro e Domingos Oliveira Dias, da URAP, foram convidados, dia 29 de Abril, para a sessão de encerramento das Comemorações Oficiais dos 50 anos do 25 de Abril de 1974 do Agrupamento de Escolas Sophia de Mello Breyner, Arcozelo, **Porto**, que foi dinamizada pelo 8.º ano, turma A, no âmbito da disciplina de Complemento de Educação Artística. A iniciativa teve o nome «Abril Amanhã».

Em **Vialonga**, dias 28 e 29 de Abril, João Madeira Lopes, presidente da Assembleia Geral da URAP, e Carlos Almeida e Cruz, ex-preso político, estiveram em várias escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, 4.º ano, a convite da Associação Pais Vialonga (APEEV), no âmbito das comemorações do 25



Palmela

de Abril de 1974. Realizaram-se seis sessões durante os dois dias para cerca de 250 alunos e vários professores.

Em **Palmela**, dia 28 de Abril, o coordenador da URAP, José Pedro Soares, ex-preso político em Caxias e Peniche, deslocou-se ao Auditório da Escola Secundária, a convite da Biblioteca Escolar.

Em **Lisboa**, dia 7 de Abril, na United Lisbon International School, Clemente Alves fez uma palestra para cerca de 200 alunos do 9.º, 10.º, 11.º e 12.º anos.

Em **Mafra**, dia 28 de Março, no âmbito das comemorações do 51.º aniversário do 25 de Abril, e num trabalho de cooperação entre a URAP-Mafra e a EB1 Sanches de Brito, realizaram-se duas sessões para quatro turmas do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, envolvendo cerca de 80 alunos, com a participação do ex-preso político Eugénio Ruivo e do resistente antifascista Luís Rosa. Na freguesia da **Venda do Pinheiro**, Eugénio Ruivo foi o orador convidado para realizar várias sessões, durante o mês de Maio, na Escola Básica 2-3, envolvendo cerca de 430 alunos dos 2.º e 3.º ciclos”.

Numa parceria entre a URAP, representada por Ana Abel, médica e ex-presa política, e a Biblioteca da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM), em **Peniche**, foi apresentado, dia 22 de Maio, o livro “25 Mulheres”, com a presença e participação da autora, Raquel Costa.

Margarida Machado, do Conselho Nacional da URAP, e Silvina Miranda, filha de ex-presos políticos, falaram, dia 20 de Maio, para cerca de 80 alunos do 12.º ano da Escola Secundária Mouzinho da Silveira, em **Portalegre**, numa sessão efectuada no Auditório do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ).



S. Miguel

Nos Açores, ilha de **S. Miguel**, dias 25, 26 e 27 de Março, a convite do SPRA-Sindicato Professores da Região Autónoma dos Açores, José Pedro Soares, coordenador da URAP, realizou seis sessões em escolas dos diversos ciclos de ensino, tendo participado cerca de 500 alunos e dezenas de professores. A propósito dos 50 anos das primeiras eleições livres, dos 80 anos do final da II Guerra Mundial e ainda dos 50 anos do 25 de Abril, estes encontros com alunos e professores, que ocorreram nas escolas EBI da Água de Pau, EB1 Alexandre L. Furtado na Fajã de Baixo, ES Antero de Quental, EB e S Armando Cortes Rodrigues, foram ilustrados com pequenos filmes.

No concelho da Moita realizaram-se diversas iniciativas. Em **Alhos Vedros**, dia 27 de Março, realizou-se uma sessão na Escola Secundária José Afonso com o ex-presidente da Associação Nacional de Sargentos, António Lima Coelho. Estiveram presentes 60 alunos do 9.º ano e seis professores. Na **Baixa da Banheira** houve várias: dia 11 de Março, na escola básica D. João I, cerca de 50 alunos do 7.º ano participaram numa sessão com canções de Cantores da Resistência, com a participação do músico Vítor Sarmento. A 18 de Março, mesma escola, 60 alunos e três professores do 9.º ano escutaram António Lima Coelho, que falou sobre os 80 anos do final da II Guerra Mundial e a importância da luta pela paz; no dia 24 de Abril, para falar a alunos do 11.º e 12.º ano da Escola Secundária sobre o 25 de Abril e as conquistas alcançadas foi convidado Joaquim Judas, vice-presidente da Assembleia Geral e do núcleo da URAP-Moita, que contou a sua experiência pessoal quando foi preso, enquanto jovem estudante de Medicina. Em Almada, deu-se continuidade às sessões nas EB1 da área da União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade Pragal e Cacilhas perfazendo 19 sessões em 10 escolas, envolvendo 1296 alunos e 42 professores.

IV Encontro pela Paz decorreu no Seixal

A URAP participou no Seixal, dia 31 de Maio, no IV Encontro pela Paz, sob o lema «Pela Paz Todos Não Somos Demais! Cumprir a Constituição de Abril!», promovido pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) e mais 12 organizações, no qual estiveram cerca de mil pessoas.

O coordenador da URAP, organização que esteve presente com cerca de 300 ativistas, interveio na sessão «Paz e Desarmamento». As restantes abordaram os temas da Cultura e Educação pela Paz, e Solidariedade e Cooperação.

Depois de declarar que a guerra, para além de ceifar vidas e provocar destruição, serve apenas para fazer florescer as indústrias de armamentos, José Pedro Soares condenou os órgãos do poder político - Governo, Presidente da República e Assembleia da República, pela «posição frouxa e envergada de Portugal».

«A realidade confirma que o sistema capitalista para ultrapassar crises económicas e financeiras, não tem pejo em recorrer a grupos e forças políticas de cariz xenófobo, fascista e neonazi. (...) Estes grupos e forças políticas fomentam divisões e fraturas, provocam conflitos, arrastando guerras, todas elas acontecimentos cruéis, como se verifica com o continuado massacre do povo palestiniano ou a guerra na Ucrânia», disse.

Referindo-se ao papel da URAP em defesa da paz, o orador lembrou a posição tomada «no passado, ao longo de 48 anos, na luta travada contra a opressão, na guerra injusta e criminosa em que o fascismo nos envolveu contra os povos submetidos ao colonialismo português».

E igualmente, afirmou, «quando juntá-



mos a nossa solidariedade, e a nossa luta, à de outros povos contra a barbárie na II Guerra Mundial, pela derrota do nazifascismo, acontecimento que terminou há precisamente 80 anos (...), tal como na solidariedade, denúncia e luta contra a brutalidade norte-americana na guerra do Vietname».

«A Revolução de Abril pôs fim à guerra colonial e contribuiu para a conquista da independência dos povos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e mais tarde Timor», recordou, para citar «a Constituição da República Portuguesa (...) no articulado do art.º 7.º quando afirma que Portugal reconhece o direito dos povos à autodeterminação, à independência, ao desenvolvimento, bem como o direito à insurreição contra todas as

formas de opressão».

Isabel Camarinha, dirigente do CPPC, abriu os trabalhos do Encontro, reafirmando o compromisso da organização com o alargamento da convergência nesta frente de trabalho que é a luta pela Paz. Interveio também Paulo Silva, presidente da Câmara Municipal do Seixal, que saudou a realização da jornada.

O IV Encontro terminou com a leitura do Apelo à Defesa da Paz, aprovado por unanimidade, que reafirma o compromisso das organizações promotoras com o prosseguimento de ações em defesa da Paz, do desarmamento e do cumprimento da Constituição da República. Seguiu-se um desfile até à Baía do Seixal.

URAP solidária com a Palestina

A URAP participa ativamente nas diversas iniciativas de solidariedade com a Palestina promovidas pelo CPPC, a CGTP-IN, o MPPM e o Projeto Ruído, sobretudo nas grandes manifestações que se têm realizado pelo fim do genocídio e da ocupação e pelo reconhecimento imediato do Estado da Palestina pelas autoridades portuguesas.

A URAP manifesta a sua solidariedade com a Palestina, exige um cessar-fogo imediato e permanente, em defesa dos princípios inscritos na Carta das Nações Unidas, e apela ao governo português para que reconheça o Estado da Palestina e não permita que armamento com destino a Israel transite por Portugal.



Jovens da URAP em *Encontro Internacional de Juventude, em Buchenwald*

Um grupo de jovens da URAP participou, dias 5 e 6 de Abril, no Encontro Internacional de Juventude em Buchenwald, organizado pela Federação Internacional de Resistentes (FIR), da qual a URAP é membro, por ocasião dos 80 anos do final da II Guerra Mundial, visitando em particular o campo de concentração alemão.

Os intervenientes visitaram a cidade de Weimar, nomeadamente o novo Museu do Trabalho Forçado, no qual é explorada a dimensão e importância do trabalho dos presos do regime nazi-fascista, em particular nos diferentes campos de concentração, assim como a ligação com as grandes empresas alemãs que dele se serviam, como as das indústrias químicas, farmacêutica, metalúrgica, armamento, entre outras.

Os jovens portugueses, juntamente com as restantes delegações, vindas de vários países europeus, deslocaram-se na manhã de dia 6 ao campo de concentração de Buchenwald, numa visita guiada feita pelo presidente da FIR, Ulrich Schneider. À tarde, participaram numa cerimónia de plantação de uma árvore, em memória dos presos do campo.

Para terminar a viagem, o grupo da URAP esteve junto ao monumento às vítimas do campo de Buchenwald, construído na época da RDA. Diogo Vale, membro do Conselho Nacional da URAP fez uma intervenção sobre a importância da luta antifascista hoje, e deu a conhecer a actividade da URAP.

A viagem proporcionou aos delegados portugueses um maior conhecimento da natureza do fascismo em diferentes contextos nacionais, assim como uma excelente oportunidade para jovens de diferentes países trocarem ideias sobre a importância da memória e como a transportar para as lutas dos nossos dias.

A delegação da URAP, que foi acompanhada pelo membro da direcção César Roussado, tinha visitado, dia 3 de Abril, a convite do deputado do PCP João Oliveira, o Parlamento Europeu, em Estrasburgo, onde teve a oportunidade de conhecer o funcionamento do PE e assistido a parte de um debate.



URAP em jornada antifascista em Cáceres

A convite da AMECECA - Associação Memorial no Cemitério de Cáceres, a URAP participou, dia 15 de Março, na «XI Jornada-Homenagem a todas as vítimas da repressão franquista na cidade de Cáceres», com os membros do Conselho Directivo, José Baguinho e Carlos Mateus, que interveio na cerimónia.

Esta jornada reuniu várias dezenas de membros da associação junto à antiga prisão de Cáceres, que exigiram às autoridades, mais uma vez, a protecção daquele edifício histórico e que seja declarado «lugar de memória». Os presentes consideraram que só assim se pode homenagear as vítimas de um capítulo sombrio da história espanhola e preservar a Lei da Memória Histórica e Democrática da Extremadura.

Os participantes na XI Jornada fizeram uma marcha a partir das portas da antiga prisão até ao cemitério de Cáceres, onde prestaram homenagem aos mortos pela brutalidade do regime.

O vice-presidente da AMECECA, Pepe Hinojosa, lembrou os números das vítimas em Cáceres durante o regime de Franco: 467 fuzilados, 61 desaparecidos e 150 mortos na prisão. Sublinhou que os números são mais do que números - são nomes, histórias e famílias dilaceradas pela opressão.



Levy Baptista, um homem multifacetado que não tem telemóvel

Jurista, músico, defensor dos presos políticos nos tribunais plenários e na Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP), deputado constituinte pelo MDP/CDE, director da revista «Seara Nova», presidente da Assembleia Geral da URAP, dirigente da Intervenção Democrática (ID), da Associação de Amizade e Cooperação Iúri Gagárine, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, da Fundação Internacional Racionalista, entre tantas outras coisas, Levy Casimiro Baptista, nascido em Ançã, em 1936, estudou em Coimbra, onde, em 1959, se formou em Direito.

O Levy Baptista foi um antifascista no tempo da ditadura, e um democrata no tempo da democracia. O que o levou a estar do lado certo da História?

Levy Baptista (LB) Nasci assim. Sou assim. A minha principal figura de referência é o meu pai, que era um homem íntegro. No início da vida a religião teve importância, mas abandonei quando fui para Coimbra. A realidade não me passa ao lado.

Fez a guerra colonial em Angola, em 1961, e depois voltou a Luanda como Magistrado do Ministério Público. Quando regressou a Portugal integrou a CNSPP, que existia desde 1969. Defendeu, como advogado, os presos políticos nos Tribunais Plenários durante o fascismo e entre 71 e 74 os presos angolanos encarcerados no Tarrafal.

LB Entrei na CNSPP pela mão do casal Varela Gomes. Quando vim de Angola passei logo a trabalhar. Os presos políticos eram defendidos por Manuel João da Palma Carlos, Fernando de Abranches-Ferrão e por mim. Esta organização teve muita importância no apoio às famílias dos presos e na divulgação do que se passava com eles através de reuniões em embaixadas, que ficavam agradecidas, e com jornalistas estrangeiros. Era uma fonte de informação completamente fiável. A fiabilidade foi sempre uma exigência nossa. Todas as informações vinham dos familiares dos presos. Os presos passavam as informações através das coisas que entregavam às famílias. Para mim isso era fundamental. Às vezes vinham também estrangeiros também em busca de informações e a comissão estava ligada a organizações internacionais e divulgávamos as notícias sobre os presos. Era uma informação fiável e muito completa que os jornalistas de cá estavam também sempre à espera. A CNSPP era muito completa, integrava toda a gente: comunistas, católicos, todos...



Adere à URAP, desde a sua fundação, em 1976. É o sócio número três. Foi presidente da Assembleia Geral até há pouco, é membro do Conselho Nacional. Como vê o trabalho que a URAP desenvolve em prol da memória?

LB É formidável. Estende-se a todo o país e é fundamental. Tem núcleos, como o de Mafra, que desenvolvem uma trabalho imenso. O José Pedro Soares e outros dirigentes falam nas escolas, dirigem-se a sítios mais localizados, há convívios, visitas aos museus do Aljube e Peniche. Esta divulgação é fundamental.

O Ruy Luís Gomes era o número um. Depois, quando regressaram a Portugal, aderiram o Piteira Santos, o Mário Ruivo e outros.

E também vou ajudando a fazer umas coisas. Há tempos fui à Escola António Arroio, a convite de uma professora nossa amiga. Perguntei quanto tempo podia falar e disseram-me uma hora. Eu tenho conversa que nunca mais acaba, já viu... A sala estava completamente cheia, cadeiras e corredores. Estavam alunos e professores e, no fim, fizeram imensas perguntas. A professora era muito organizada a nível de computadores, eu não sou. Não tenho telemóvel, só tenho

número fixo. Alguém estava a apresentar-me, dizendo: este é fulano, não sei o quê, cuidado que ele não tem telemóvel! Falei com um miúdo no fim e perguntei-lhe o que achou da palestra. «Foi muito boa», disse, «mas eu não conhecia aquilo assim, daquela maneira». Engraçado, as pessoas sabem sempre alguma coisa. Aquilo estava tudo muito bem, não dizia outra coisa. Mas nós temos a vantagem de estar a contar a história, a ver as pessoas, a ver os sítios.

É um homem multifacetado. Foi músico, um dos maiores violinistas de Coimbra, director da «Seara Nova», membro da Intervenção Democrática e da URAP. Que novos campos acha que a URAP devia explorar?

LB Os organizadores de «Variações», um livro sobre Carlos Paredes, pediram-me para escrever duas páginas sobre o Carlos Paredes e comecei a tentar fazer duas páginas sobre o Carlos Paredes. Acontece que não consigo dizer nada sobre o Carlos Paredes. E então, passei um fim de semana infernal, infernal. E depois disse-me: «eu não consigo dizer nada sobre o Carlos Paredes, não falo sobre o Carlos Paredes.»



Então guardei duas linhas. Das duas folhas de A4, guardei duas linhas. E nas duas linhas prestei homenagem a duas pessoas de que eu gostei muito. Conheci-as pessoalmente, e gostei muito delas: o Carlos Paredes e o Fernando Namora. O Namora escreveu um livro, «Fogo na Noite Escura». E pensei: no universo da música portuguesa, a guitarra de Carlos Paredes é um fogo na noite escura, o grande romance de Coimbra «Fogo na Noite Escura», sobretudo a edição que saiu há pouco tempo com um prefácio notável do Joaquim Namorado, é isto. Pronto, os organizadores de «Variações» pegaram nisto e até destacaram numa página. Em Carlos Paredes aquela guitarra é um fogo.

Sobre o trabalho da URAP tenho uma sugestão. Sei que há a ideia de arranjar um sítio, uma sede. Devíamos apontar muito para isso, para termos uma sede maior, muito central e recrutar mais gente. A Casa do Alentejo faz um excelente trabalho e ajuda muito, mas nunca se sabe o que é

que vai ser a Casa do Alentejo no futuro, depende da direcção. Já tenho estado para falar com o José Pedro Soares sobre isso “Por exemplo, em Oeiras, o Isaltino Morais faz isso. Ontem vi uma reportagem sobre o Isaltino no Público, da Bárbara Reis, ainda para mais é uma jornalista. O Isaltino é uma figura muito especial – faz coisas, faz muita coisa, a Câmara Municipal é muito rica. O tipo é notável. É notável, porque faz coisas.”.

Há uns anos convidaram-se para ir a Roma, à Associação Nacional dos Partisans Italianos (ANPI), uma força política, hoje com milhares de sócios. A URAP disse-me para eu ir, comprei o bilhete, parti e fiquei instalado num hotel que tinham reservado para a gente. A ANPI, além de ter 140 mil sócios, está instalada no centro de Roma, num edifício enorme, de vários andares. O edifício da ANPI era de um casal antifascistas que morreu e o doou. Mas mesmo que só metade pague quotas,

dá uma verba enorme. A ANPI está cheia de gente, porque é num sítio muito central. Sei que não é fácil, mas o caminho tem de passar por aí.

Em Portugal, acabamos de ter eleições legislativas. Como vê a situação política e social portuguesa?

LB O governo é formado por gente sem capacidade. Acabaram com pastas, como a do Mar, num país que tem uma costa marítima enorme. Podiam ler os trabalhos do Mário Ruivo (especialista em oceanografia e pescas). Portugal é pequeno mas muito diversificado. É preciso conhecer o país. Temos de ver como sair do buraco.

A situação internacional é muito perigosa. Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos; a extrema-direita cresceu em vários países, muitos deles na Europa; as guerras grassam pelo mundo; Israel está a cometer um genocídio em Gaza perante os olhos e a passividade do mundo. Face a tudo isto, como devia posicionar-se o governo português?

LB O governo defende-se com a União Europeia. Mas não é assim, os Estados membros da UE podem e devem tomar as suas posições próprias, e Espanha é um exemplo disso.

Evocações e emoção em Lisboa

A URAP, com a participação da revista Seara Nova e a Associação Portuguesa de Juristas Democratas (APJD), e o apoio da Casa do Alentejo, celebrou a 8 de Maio os 49 anos da URAP, os 90 anos de Levy Baptista e os 80 anos da derrota do nazi-fascismo, num jantar no qual participaram 120 pessoas.

Na cerimónia, presidida pelo advogado Duarte Martinho, intervieram Madalena Santos, presidente da APJD, João Madeira Lopes, director da Seara Nova, José Pedro Soares, coordenador da URAP, e o homenageado, o advogado antifascista Levy Baptista, ex-presidente da Assembleia Geral da URAP e ex-director da Seara Nova.

Na sua intervenção, José Pedro Soares fez um resumo do papel da URAP ao longo dos 49 anos da sua existência e evocou os 80 anos da derrota do nazi-fascismo, pelas forças armadas soviéticas e aliadas, salientando que a II Guerra Mundial ceifou mais de 50 milhões de se-

res humanos. Notou que na Europa e no Mundo as forças fascistas, fascizantes e xenófobas recrudescem a sua actividade, nomeou os perigos que esse facto constitui para os povos do mundo e apelou à luta pela Paz. Referindo-se a Levy Baptista, enalteceu a vida do homenageado pelo seu combate contra a ditadura.

«Muito obrigada, Dr. Levy Baptista», disse a presidente da APJD, Madalena Santos, que fez uma breve biografia do homenageado, figura prestigiada nos meios nacionais e internacionais, recordando a sua paixão pelo fado de Coimbra, o seu papel como associado da APJD e o seu espírito jovial nas conversas com os jovens advogados.

João Madeira Lopes enalteceu a personalidade de Levy Baptista, «imparável, em todos os percursos da sua vida brilhante» e a sua dedicação como dirigente da Intervenção Democrática (ID), de que é presidente da AG, e como director da revista da Seara Nova entre 2012 e 2019,



que ajudou a remodelar graficamente, modernizando-a na sua versão impressa e no site.

Levy Baptista falou em último lugar, agradecendo emocionado a todos.

Manuela Bernardino, uma das fundadoras da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, ofereceu um ramo de cravos vermelhos em nome da URAP ao homenageado e vários ex-presos políticos presentes fizeram questão de dizer “sim” a Levy Baptista.

URAP promove ciclo de conferências sobre os 80 anos da vitória sobre o nazi-fascismo

Nos 80 anos da Vitória sobre o Nazifascismo. A actualidade da luta contra o militarismo e a Guerra. O Antifascismo e a luta pela Paz» é o lema do ciclo de encontros, sessões e conferências que a URAP promove nos meses de Junho e Julho.

Das iniciativas já realizadas, destacamos: o jantar/convívio em **Coimbra** no Restaurante Santo António, com João Madeira Lopes e Jorge Seabra, no dia 13 de Junho; uma sessão em **Braga**, no dia 17 de Junho, na Biblioteca Municipal da cidade; uma sessão no Porto, no Palacete Balsemão, com António Avelãs Nunes, no dia 21 de Junho; no mesmo dia, uma sessão no Ginásio Atlético Clube, na Baixa da Banheira, concelho da **Moita**, com Gustavo Carneiro. Estavam ainda agendadas sessões e iniciativas para Lisboa, a 3 de Julho, Aveiro, a 13 de Julho, e Portimão, a 19 de Julho



Novo livro à venda



A mais recente edição da URAP (Janeiro 2025), dedicada à «Conferência Internacional «50 anos do 25 de Abril – Democracia, paz e liberdade – fascismo nunca mais», que decorreu, dia 26 de Abril, na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, já está à venda.

A obra compila as intervenções das personalidades portuguesas e es-trangeiras que a URAP convidou para a conferência, e que participaram igualmente num conjunto de outras celebrações destinadas a comemorar os 50 anos do 25 de Abril.



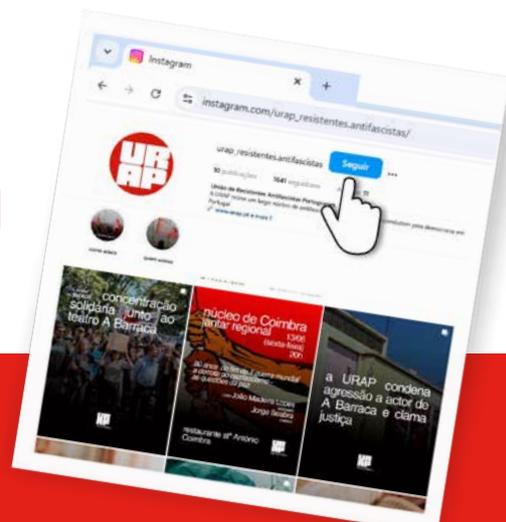
A quotização pode ser paga mensalmente, anualmente ou em qualquer outra modalidade. Pode ser paga presencialmente junto do núcleo local (caso haja) ou na sede, ou por transferência bancária para o NIB - 000700210014375000653 (Novo Banco). Neste caso, deverá incluir a referência “quotização”, o nome e, se possível, o número de sócio.

A URAP chegou ao instagram

Aqui: https://www.instagram.com/urap_resistentes.antifascistas/

Já é possível seguir a URAP no Instagram.

Segue, partilha e comenta



WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses
www.instagram.com/urap_resistentes.antifascistas